

# A lenda do Muri-Keko

Marcos Bagno

Ilustrações Alê Abreu

Temas Natureza; Ética; Língua Portuguesa



## GUIA DE LEITURA PARA O PROFESSOR



Série Azul nº 6  
64 páginas



O livro *Imagine* uma lenda contada em verso e prosa. É assim que o autor, Marcos Bagno, conta como um simples rato realizou seu grande desejo: voar. Num texto rico e bastante ágil, a história de Mus-Múris envolve o leitor do começo ao fim da trama, transportando-o para uma natureza exuberante onde o ratinho tem de cumprir três tarefas para conseguir realizar seu desejo.



**O AUTOR** Lingüista, poeta, professor e escritor, Marcos Bagno começou sua carreira literária em 1988 e hoje tem mais de 20 livros publicados, a maioria infanto-juvenis. Já recebeu muitos prêmios de literatura importantes. Depois de morar em Salvador, Rio de Janeiro, Brasília, Recife e São Paulo, Marcos voltou à capital do país, onde é professor da Universidade de Brasília (UnB). Confira também o *site* do autor na Internet: [www.marcosbagno.com.br](http://www.marcosbagno.com.br).

**O ILUSTRADOR** Alê Abreu formou-se em Comunicação Social em 1992. Há dez anos trabalha com pintura, ilustração e animação. Depois de atuar em produtoras de animação na década 1990, abriu o próprio estúdio. *Espantinho*, um de seus curta-metragens de animação, recebeu o prêmio de melhor filme brasileiro do festival Anima Mundi de 1998. *A lenda do Muri-Keko* é o terceiro livro infantil que ele ilustra. Vale a pena visitar o *site* de Alê para conferir seu belo *portfolio*: [www.aeabreu.com.br](http://www.aeabreu.com.br).

## Mergulhando na temática

### LENDA

“(…) é uma forma narrativa antiqüíssima, geralmente breve (em verso ou prosa), cujo argumento é tirado da tradição. Consiste no relato de acontecimentos em que o maravilhoso e o imaginário superam o histórico e o verdadeiro. É transmitida e conservada pela tradição oral. É também ligada a certo espaço geográfico e a determinado tempo.”

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura infantil*. São Paulo: Moderna, 2000.

### HIPÉRBOLE

“É uma figura de linguagem que consiste no exagero proposital de seres, qualidades ou fatos, atribuindo-lhes proporções ou intensidade fora do normal, quer no sentido positivo, quer no sentido negativo.”

FARACO & MOURA. *Gramática*. São Paulo: Ática, 2000.

### POESIA E PROSA

“Pode-se escrever em prosa ou em verso. Quando se escreve em prosa, a gente enche a linha do caderno até o fim, antes de passar para a outra linha. E assim por diante até o fim da página. Em poesia não: a gente muda de linha antes do fim, deixando um espaço em branco antes de ir para a linha seguinte. Essas linhas incompletas chamam-se versos. Acho que o espaço em branco é para o leitor ficar pensando. Pensando no que o poeta acabou de dizer.

Algumas vezes, lendo um verso, a gente tem de voltar aos versos de trás para entender melhor o que ele quer dizer. Principalmente quando há uma rima, isto é, uma palavra com o mesmo som de outra lida há pouco. Então a gente vai procurá-la para ver se é isso mesmo. ►

## INTERPRETANDO O TEXTO

### TUDO POR UM SONHO

Entender e domar a natureza sempre estiveram entre os principais desafios do homem, inspirando a criação de mitos, proporcionando aventuras e descobertas. O desejo de voar é um deles. Nesta história em forma de **lenda**, o autor conta como um ratinho consegue a proeza de realizar esse grande sonho, mas a um custo alto. As tarefas que precisa cumprir para isso exigem esforço e muita força de vontade. A descrição exuberante da natureza completa e reforça a emocionante aventura vivida por Mus-Múris na realização de seu projeto.

O texto é riquíssimo, com amplo vocabulário e muitas figuras de linguagem, como a **hipérbole**, que aparece na descrição dos lugares, dos animais, dos sentimentos e das sensações: “o topo das mais altas árvores”; “os mil milhares de variadas aves”; “penas de escandalosos verdes”; “cheiro de tudo o que existe neste mundo e no outro”; “todos os sons que há na terra e fora dela”; “teve no corpo e na alma todos os sentimentos possíveis de uma só vez”.

De maneira dinâmica, o autor mistura **poesia e prosa** para contar a “origem” do **morcego**, o único mamífero voador. A história é contada em terceira pessoa, em prosa. Os diálogos entre os personagens aparecem em versos rimados. Essa mistura proporciona ritmo à história e leveza à leitura. A diagramação também ajuda o leitor a diferenciar essas duas formas narrativas.

A brincadeira que Marcos Bagno faz com os nomes dos personagens que aparecem no desenrolar da história — o poderoso Na-Tur, o pássaro Mai-Taka, o inseto Brab-Ulet, o passarinho Ka-Nar, a árvore **Ja-Krandá**, o pássaro Ur-Bu, o bicho Mak-Ak e o inseto Zang-On — propicia inferências durante grande parte da leitura do texto.

A história mostra também a diversidade da natureza: muitos tipos de animais, lugares com abismos e cavernas, árvores gigantes, distâncias enormes, vento, eco e estações do ano.

A desobediência e a tentação aparecem na figura do vilão Ngana, de forma dissimulada e sedutora, atrapalhando a vida do ratinho que queria apenas ser feliz e poder voar.

A *lenda do Muri-Keko* induz o leitor, desde o início, a levantar a hipótese de que a história que está sendo contada trata da origem do morcego. Isso vai se confirmando no decorrer da leitura,



A prosa é um trem, vai sempre em frente. A poesia é como o pêndulo dos relógios de parede de antigamente, que ficava balançando de um lado para o outro.”

PAES, José Paulo. *Vejam como eu sei escrever*. São Paulo: Ática, 2001.

### MORCEGOS

Não são ratos de asas. A única coisa que eles têm em comum com os ratos é o fato de serem mamíferos. Os morcegos são os únicos mamíferos com capacidade real de vôo, propiciada pela membrana que une quatro dos cinco dedos do membro anterior, formando a asa. Outras espécies, como o esquilo-voador, apenas planam, depois de saltar de lugares altos. Existem morcegos em quase todo o planeta, exceto em locais muito frios, como os pólos. São em geral pequenos, e na grande maioria não excedem 100 gramas de peso. Os morcegos não são cegos – muitos enxergam até bem demais. Apresentam hábitos crepusculares e noturnos e parte significativa das espécies orienta-se pela ecolocalização, emitindo sons de alta frequência, inaudíveis ao homem, que, ao esbarrar em algum objeto, retornam sob a forma de eco.

Fonte: [www.morcegolivre.vet.br/quemsao.html](http://www.morcegolivre.vet.br/quemsao.html).

### JACARANDÁ

Árvore com altura de 5 a 10 metros e tronco de 30 a 40 centímetros de diâmetro. Floresce a partir do mês de setembro com a planta parcialmente despida de sua folhagem. Os frutos amadurecem durante agosto e setembro. A madeira é própria para a marcenaria. A árvore é extremamente ornamental, principalmente quando está florida.

Fonte: [www.clubedaseamente.org.br/jacaranda.html](http://www.clubedaseamente.org.br/jacaranda.html).

mas, ainda assim, surpreende no final: Mus-Múris tinha tudo para realizar seu sonho, porém...

### A FORÇA DAS ILUSTRAÇÕES

As ilustrações de Alê Abreu estão em total harmonia com a riqueza do texto de Marcos Bagno; os traços e as cores também remetem o leitor a uma natureza exuberante e poderosa que reporta à região da Amazônia.

Já no início da história (p. 4), a ilustração dá a dimensão ao leitor de como o rato se sente em relação à natureza. Vale aproveitar essa imagem e comentar com os alunos como a admiração de Mus-Múris pelas criaturas que voam as torna enormes perto dele (p. 8 e 10).

A sutileza do verde e do amarelo da paisagem (p. 12) remete a uma floresta brasileira. Esse efeito também aparece nas cenas que mostram uma panorâmica da Terra (p. 46 e 56), pois a representação feita lembra a região amazônica.

Os traços de maldade nas expressões de Ngana, o espírito mau (p. 26 e 42), convencem o leitor, reforçando o poder de sedução e a inteligência dos vilões, como na imagem aerodinâmica de Ur-Bu “ajudando” Mus-Múris a cumprir sua tarefa para conseguir as desejadas asas (p. 28).

As inferências também estão presentes nas ilustrações de Alê Abreu quando mostram apenas um detalhe do corpo dos personagens: a asa de Na-Tur (p. 34) e o rabo de Mak-Ak (p. 38), por exemplo.

O destaque de alguns elementos da imagem, como a fruti-nha da árvore Uá-Uá (p. 40), salta aos olhos como um *zoom* fotográfico.

\*Os **destaques** remetem ao item *Mergulhando na temática*.



## DIALOGANDO COM OS ALUNOS

---

### ANTES DA LEITURA

#### EXPLORAR A CAPA

- Quem é o autor?
- Quem é o ilustrador?
- Qual é a editora?
- O livro faz parte de uma coleção?

Além disso, pode-se levantar hipóteses de leitura a partir da ilustração e da relação que ela estabelece com o título.

#### EXPLORAR A QUARTA CAPA

- Comentar que se trata de literatura brasileira.
- Ler a sinopse como recurso de antecipação do enredo.

#### EXPLORAR A FICHA CATALOGRÁFICA

- Identificar a data da edição.
- Identificar onde fica a editora.

#### EXPLORAR O MIOLO

- Folhear o livro, observando as ilustrações, os tipos de letras, o número de páginas, a forma como está organizado (se em capítulos ou não, se há índice ou não etc.).

Se esse momento de apresentação do livro for como um ritual, a criança, por meio de procedimentos do professor, começará a perceber que, quanto mais informações ela tiver a respeito da obra, mais rica, compreensiva e prazerosa será sua leitura.

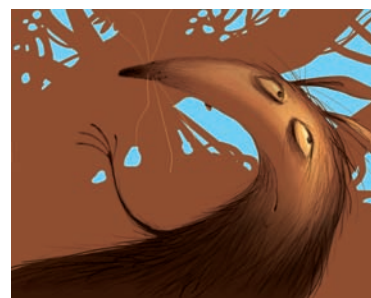
### DURANTE A LEITURA

Para aumentar o interesse dos alunos, vale comentar com eles o recurso usado pelo autor na construção dos diálogos da história, usando o contraponto entre a poesia e a prosa, trabalhando as características de cada um dos gêneros escolhidos.

Também é interessante pedir aos alunos que desenhem o poderoso Na-Tur como eles o imaginam, depois da conversa de Mus-Múris com Mai-Taka e Brab-Ulet e antes da explicação do vento sobre o deus. Quando os desenhos estiverem finalizados, uma boa maneira de “premiar” os alunos é fazer um varal, no qual os trabalhos fiquem expostos.

Em relação às ilustrações, vale comentar com os alunos como elas também ajudam a completar e a enriquecer o texto. A imagem do jacarandá (p. 20), imponente e maravilhoso, morada do deus Na-Tur, é um exemplo disso.

Após os diálogos entre Na-Tur e Mus-Múris, abre-se uma oportunidade para levantar hipóteses do que poderiam significar as recomendações feitas ao rato.





## SUGESTÃO DE REDAÇÃO

Incentivar os alunos a sugerir um nome para a serpente que guarda o ovo da vida, seguindo a mesma lógica usada pelo autor para dar nome aos personagens da história, é uma boa maneira de estimular sua imaginação e trazê-los cada vez mais para dentro da narrativa.

O deus Na-Tur também pode ser objeto de atenção. Vale comentar com os alunos as diferentes formas assumidas por ele: o fogo todo-poderoso, a grande ave branca e o enorme rato, dez vezes maior que Mus-Múris. Os alunos podem desenhar ou fazer uma descrição, oral ou escrita, de uma nova forma para o deus Na-Tur se revelar.

## DEPOIS DA LEITURA

Como maneira de estimular os alunos a refletir sobre a história, é interessante organizar uma roda de conversa para que a classe toda possa manifestar-se quanto ao(s) significado(s) que atribuiu ao desfecho da história.

De início, pode-se pedir às crianças que criem uma situação ou um motivo que pudesse fazer parte da história para explicar o porquê de o morcego dormir pendurado de cabeça para baixo. Para ajudá-las a compreender melhor o animal, pode-se propor a elaboração de uma pesquisa científica sobre o morcego, suas características e hábitos, e contrapor os dados levantados com as informações trazidas pelo livro. Aproveitando a ocasião, é possível comparar os gêneros textuais lenda, prosa e texto científico, levantando as características específicas de cada um e suas diferenças.

Para finalizar a interpretação, é importante trabalhar a importância do sonho no livro e na vida do ratinho. A partir disso, algumas questões podem ser levantadas com os alunos: o que o personagem perseguia? Qual era seu sonho? Ele teve de abrir mão de alguma coisa para conseguir realizá-lo?

Seria interessante aproveitar a abordagem desse tema e pedir aos alunos que desenhem ou escrevam qual é o maior sonho de cada um. Será que eles teriam a coragem de Mús-Muris? O que estariam dispostos a enfrentar para realizar esse sonho?

## DICAS

Seguem-se algumas orientações gerais para o trabalho com obras literárias. Sempre que possível, pode-se:

- Dar voz aos alunos para que suas impressões sejam consideradas legítimas pelo grupo, sem que prevaleça, portanto, uma única leitura ou interpretação.
- Incentivar a troca de informações sobre a leitura deste e de outros livros.



- Promover o empréstimo de livros da biblioteca e a troca de livros entre os alunos.
- Apresentar outros livros do mesmo autor e/ou de temática semelhante.
- Levantar, juntamente com os alunos, títulos de obras conhecidas por eles que “conversam” com o texto lido.

### Pressupostos para um projeto de ensino/estudo de literatura infantil

1. Concepção da criança como um *ser educável*: o ser humano é (ou deve ser) um aprendiz de cultura, enquanto dura o seu ciclo vital.
2. Concepção da literatura como um *fenômeno de linguagem* resultante de uma experiência existencial/social/cultural.
3. Valorização das *relações* existentes entre literatura, história e cultura.
4. Compreensão da leitura como um *diálogo* entre leitor e texto, atividade fundamental que estimula o ser em sua globalidade (emoções, intelecto, imaginário, etc.), e pode levá-lo da *informação imediata* (através da “história”, “situação” ou “conflito”...) à *formação interior*, a curto, médio ou longo prazo (pela fruição de emoções e gradativa conscientização dos valores ou desvalores que se defrontam no convívio social).
5. Compreensão da escrita como *ato-fruto* da leitura assimilada e/ou da criatividade estimulada pelos dados de uma determinada cultura.
6. Certeza de que os *meios didáticos* (métodos, processos, estratégias, técnicas...) são *neutros*. Isto é, sua eficácia depende do *grau de conhecimento* da matéria que o usuário possua; da *adequação* entre esses meios didáticos e a matéria a ser trabalhada, e da *intencionalidade* de quem os escolhe e manipula.
7. Certeza de que a escola é o *espaço privilegiado*, em que devem ser colocados os *alicerces* do processo de auto-realização vital/cultural, que o ser humano inicia na infância e prolonga até a velhice.

Diante desse elenco de princípios ou pressupostos educacionais, ressalta a responsabilidade da escola e, acima de tudo, do professor.

Nelly Novaes Coelho *Literatura infantil — teoria, análise, didática*. São Paulo, Moderna, 2000. p. 17-8

---

ELABORAÇÃO DO GUIA MARTA PINTO FERRAZ;  
PREPARAÇÃO RODRIGO VILLELA; REVISÃO MÁRCIA  
MENIN, CARLA MELLO MOREIRA E TÚLIO KAWATA